



OITO SÉCULOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO DE UMA BIBLIOGRAFIA ESPECIALIZADA SOBRE A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

EIGHT CENTURIES OF PORTUGUESE LANGUAGE. PROPOSAL OF A SYSTEMATIC SPECIALIZED BIBLIOGRAPHY ON THE HISTORY OF PORTUGUESE

Paulo Osório

Doutor e Agregado em Linguística pela
Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal)
Pesquisador e docente, Professor Associado, da
Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal)

Resumo

Neste ano de 2014, a língua portuguesa comemora 800 anos de existência caracterizados por um longo percurso de evolução de alguns fenômenos sistemáticos. Marca-se o ano de 1214, com o *Testamento de Afonso II*, como a data inaugural do português. Assim, este artigo pretende, ainda que de forma sumária, (i) fazer um bosquejo das principais transformações que a língua foi sofrendo ao longo dos últimos 800 anos, partindo-se do português medieval até ao português moderno e (ii) propor uma sistematização da bibliografia especializada para a história do português.

Neste estudo, não se abordarão todas as transformações e evoluções linguísticas, mas analisar-se-ão apenas as que mais particularizam alguns dos subperíodos da história da língua portuguesa.

Palavras-chave: História da língua portuguesa; português arcaico; português moderno

Abstract

In 2014, the Portuguese language celebrates 800 years of its existence, characterized by an extensive evolution of some systematic phenomena. The convention is to take the year 1214, with the *Testamento de Afonso II* (King Afonso II's will), as the inaugural date of Portuguese as a language. Thus, this article aims at, even if briefly, (i) presenting a sketch of the main changes that the language has undergone over the past 800 years, from medieval Portuguese to modern Portuguese and (ii) proposing a specific bibliography on the history of Portuguese.

In this study, we will address all linguistic transformations and evolutions, but only the ones that particularize some of the sub-periods of the history of the Portuguese language will be analyzed.

Keywords: History of the Portuguese Language; archaic Portuguese; modern Portuguese

1. Preâmbulo

Comemora-se este ano, 2014, 800 anos de existência da língua portuguesa. Trata-se de uma vida longa, consubstanciando um caminho rico de fenómenos que foram tendo uma evolução ao longo dos séculos: uma língua que se desenvolveu, que se difundiu e que acompanhou o percurso e evolução dos seus falantes.

Todavia, a história do português exige, naturalmente, um breve recuo à sua pré-história que, por ser uma etapa extremamente longa, não desenvolveremos neste artigo: trata-se de um período que vai desde 218 a.c. (com a ocupação militar da Península Ibérica por Roma) até aos dois documentos que inauguram o nascimento da língua portuguesa – a *Notícia de Torto* e o *Testamento de D. Afonso II*, de 1214.

Percorrer a história de qualquer língua implica, necessariamente, que estejamos cientes do facto de que as línguas possuem uma dupla dimensão, isto é, uma feição de natureza sistemática e uma outra de pendor histórico. Assim, as línguas são um diassistema, naturalmente complexo, onde imperam movimentos indiciadores de alguma instabilidade, aspeto que tem maior expressão em fases pretéritas da língua. Por força das variações e mudanças, que ocorrem no sistema linguístico, há efetivamente inerente às línguas, um patamar que releva de uma certa heterogeneidade. É, pois, fundamental que concebamos que *sincronia* e *diacronia* se complementam, sendo que as línguas se transformam no percurso do tempo, assumindo a diacronia um papel capital na reflexão linguística, uma vez que pretende privilegiar a evolução do sistema.

Assim, o caminho que devemos percorrer, ao longo das próximas páginas, é o de uma Linguística Diacrónica, concebendo-se a língua como um fenómeno em perene devir, assente no pressuposto apontado por Wilhelm von Humboldt (*apud* Coseriu, 1988: 44-45) de que uma língua não é um produto, um estado (*ergon*), mas uma atividade, um processo (*energeia*).

Comemorar os 800 anos de existência do português implica, necessariamente, traçar/caracterizar os momentos principais da sua vida!

2. História do português: breve bosquejo

Na sua primeira fase, o português medieval, a língua apresenta dois subperíodos: o do *português arcaico*, *antigo* ou *galego-português* e o do *português médio* ou *pré-clássico*. O

português arcaico ou antigo (galego-português), que vai de 1214 até fins do séc. XIV/inícios do séc. XV, caracteriza-se, fundamentalmente, pelo facto do português se ir afastando paulatinamente do galego-português, originário dos reconquistadores cristãos setentrionais que, ao nível linguístico, foi favorecendo o desaparecimento do [ʃ] e do [ʒ] de articulação áptico-alveolar, típica do português do Norte (e do castelhano), em favor da articulação predorsodental destas sibilantes, como [s], [z]), típico do Sul. De destacar a importância que teve o reinado de D. Dinis (1279-1325) para a fixação da língua portuguesa e para a substituição do latim, deixando de ser a língua dos documentos oficiais. Mas, neste longo período, podemos elencar algumas características linguísticas fundamentais: o sistema de fonemas vocálicos, em posição tónica, continua a ser idêntico aos sete do latim imperial; em posição átona final, reduzem-se a três - /e/ (alternando com /i/), /a/ e /o/; em posição átona não final, sobretudo pretónica, temos cinco fonemas, isto é, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, sendo que as vogais orais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ são nasalizadas por uma consoante nasal implosiva (ex.: *mundo*); a metafonia por /u/ e /a/ finais; as sibilantes /s/ e /z/, provenientes do <S> latino, tinham uma articulação áptico-alveolar, semelhante à do <s> castelhano, entre outros.

Ao nível da morfo-sintaxe, o género gramatical, em português arcaico, difere tanto do latim como do português moderno. No que respeita à formação do plural, a queda do <-L-> e do <-N-> etimológicos intervocálicos teve consequências nos paradigmas nominais. Assim, nos nomes terminados em <-l>, esta terminação cai, no plural e, por sua vez, a queda do <-N-> intervocálico vai afetar o plural dos nomes terminados, em galego-português, em <-ão>, <-an> e <-on> (por exemplo: CANE > *can(e)* > *can*; CANES > *cães*). Na morfologia verbal, o sistema de modos e tempos é já o do português moderno, contendo um mais-que-perfeito simples (sintético), herdado diretamente do latim, um futuro do conjuntivo, ainda hoje usado e um infinitivo flexionado ou «pessoal» (cf. Teyssier ⁵1993: 32).

No léxico, devido, sobretudo, à colonização da Península pelos Mouros, foram sendo incorporados no vocabulário das futuras línguas ibero-românicas, nesta fase, muitas palavras árabes que, aliás, não afetaram nem os subsistemas morfo-sintáticos, nem a fonética ou a fonologia do futuro português.

Rosa Virgínia Mattos e Silva (1989: 59) define oito traços linguísticos do português trecentista: representação gráfica de vogais idênticas postas em contacto pelo desaparecimento de uma consoante intervocálica; grafias variantes das sequências <-ão, -ã>; <-lho, lha> e <-inho, -inha>; grafias variantes dos ditongos <ou/oi>, provenientes, respetivamente, de <au, al> e de <-oct->, <-ocs-> e da interversão do iode; grafias variantes das finais nasais, provenientes de <-one, -anu, -ane, -udine, -onu, -ant, -unt>; morfologia dos

demonstrativos; morfologia dos possessivos; representação gráfica do morfema número-pessoa de segunda pessoa do plural <-des/es>; representação gráfica da vogal temática da segunda conjugação no particípio passado, <-u(do) / -i(do)>.

No que respeita ao subperíodo do *português médio* ou *pré-clássico* (subperíodo que vai do século XV até meados do século XVI), este caracteriza-se como sendo uma fase de transição. Neste subperíodo, a nível externo, destacamos a expansão colonial, cuja influência, na evolução do português, será sobretudo de carácter lexical, através da entrada de empréstimos de línguas africanas, asiáticas e ameríndias. Sob o ponto de vista externo, não menos importante é o bilinguismo luso-castelhano. Contudo, sob o ponto de vista linguístico, interessa destacar, ao nível fonético e fonológico, a eliminação dos encontros vocálicos. Já desde a época dos *Cancioneiros* galego-portugueses se pode constatar o início de evoluções que acabaram por eliminar estes hiatos e que estavam concluídas em finais do séc. XV, como nos revelam os textos dos poetas dessa época, em que algumas palavras, a título de exemplo, tinham passado a: *vinho, bom, irmã, ler, ser, mau, má, diabo*. Para a supressão destes hiatos foram utilizadas as seguintes soluções: *palatalização de uma consoante entre duas vogais, através da nasalidade* e a *contração das duas vogais numa vogal única*. Destas contrações resultam as cinco vogais nasais [ĩ], [ê], [ã], [õ], [ũ], já existentes na língua, de modo que o sistema fonológico não sofre modificações. No entanto, quando a contração se processa entre duas vogais orais, e embora o resultado seja sempre uma vogal oral, podem resultar daqui fonemas novos, que vão desequilibrar o sistema fonológico vigente. Sobre as reduções dos encontros vocálicos, que tiveram lugar nos séculos XIV e XV, poder-se-á afirmar que o sistema fonológico do português, em 1500, tinha sido enriquecido com as referidas reduções dos hiatos e passou a conter oito fonemas vocálicos orais. Em posição final, estes oito fonemas ficavam reduzidos a três: /E/, /A/, /O/. As combinações de ditongos orais aumentaram de oito para onze e as nasais passam a ter os três ditongos que caracterizam o Português.

Na morfologia, verifica-se a unificação dos substantivos que, antes, terminavam, no singular, em <-ã-o>, <-an> e <-on>; as formas átonas dos determinativos possessivos *ma, ta, sa* desaparecem e os anafóricos *em* e *(h)i* deixam de ser usados. Na segunda pessoa do plural dos verbos, o <-d-> intervocálico desapareceu já no século XV, dando origem às terminações <-ais>, <-eis> e <-is>, por exemplo: *amais*, escrito por vezes <amaes>.

Na sintaxe, mencione-se o uso de <que> por <quem>; do mais-que-perfeito simples do indicativo pelo imperfeito do conjuntivo ou pelo condicional e do gerúndio em casos que, hoje, exigem o infinitivo precedido das preposições <a>, <de> ou <sem>. Dois fatores

internos importantes que marcam, ainda, a evolução desta fase da língua e podem servir para a delimitação *ad quem* do português médio são a substituição de HABĒRE por TENĒRE e do condicional pelo imperfeito (Osório, 2004: 323).

O *português clássico*, que vai de meados do século XVI até meados do século XVIII, caracteriza-se pela consolidação das estruturas morfo-sintáticas da língua portuguesa e pela tentativa de codificação gramatical. Foneticamente, destacamos a permanência da distinção entre os fonemas /b/ e /v/, no português padrão. De notar, igualmente, a simplificação do sistema das sibilantes: nas suas fases iniciais, o português tinha um sistema de quatro fonemas sibilantes, tal como o castelhano, até ao fim da Idade Média: /ts/ (*cen*), /s/ (*sen*), /dz/ (*cozer*) e /z/ (*coser*), mas por volta de 1500, as duas africadas tinham perdido a oclusiva inicial e evoluído para as predorsodentais /s/ e /z/, continuando, contudo, a opor-se às duas restantes sibilantes, de articulação ápico-alveolar, /š/ e /ž/, pelo menos no Norte. Assim, na primeira metade do século XVI, há uma oposição, que se manifesta na ortografia, entre *paço* e *passo*, ou seja, entre os fonemas /s/ (grafado com <ç>, ou <c> antes de <e>, <i>), e /š/ (grafado intervocalicamente <-ss->, ou só com um <s->, em posição inicial) e entre *cozer* e *coser* (isto é, entre /z/, escrito com o grafema <z>, e /ž/, a que corresponde o grafema <-s->). No fim deste século, o português do Centro e do Sul reduziu este sistema de quatro fonemas para dois, eliminando os ápico-alveolares que se fundiram com os predorsodentais. Importante, linguisticamente, é a monotongação de <ou> em [o]: os começos deste fenómeno datam, provavelmente, do século XVII. Com o desaparecimento da oclusiva inicial da africada, os grafemas <ch> e <x> passam a confundir-se.

A nível dos subsistemas morfo-sintáticos e lexicais, destaca-se que o artigo indefinido feminino, bem como os pronomes indefinidos <algũa(s)> e <nenhũa(s)>, mantêm a forma medieval <ũa(s)>, etc., em Camões e nos demais autores do século XVI; o sistema de deíticos adquire, no fim do século XVI, a forma que ainda hoje conserva, ou seja, os demonstrativos *este / esse / aquele*, etc. e os advérbios de lugar *aqui / aí / ali* (em oposição ternária) e *cá / lá* (numa estrutura binária); na morfologia verbal, a analogia contribui para uma simplificação dos paradigmas medievais, pelo que as primeiras pessoas do tipo *senço, menço, arço* são substituídas por *sinto, minto, ardo*; os participios passados da segunda conjugação, terminados em <-udo>, dão lugar a formas em <-ido> (por exemplo, *perduo > perdido*); algumas alternâncias vocálicas regularizam-se, sendo que, nos perfeitos fortes, as vogais radicais das formas arizotónicas tendem a configurar-se de acordo com a vogal da primeira pessoa do singular (*fezemos* dá lugar a *fizemos*, segundo o modelo de *fiz*; e *posemos* a *pusemos*, segundo *pus*); a conjugação do verbo *ser*, derivado da fusão de dois paradigmas

verbais latinos (SUM e SEDEO) em um único, está fixada, na segunda metade do séc. XVI; o verbo <haver> ainda tem um uso “românico”, na fase clássica; na sintaxe verbal, o mais-que-perfeito simples continua a exercer as funções de imperfeito do conjuntivo e de condicional; nas construções passivas, a preposição que rege o “complemento agente” é <de>, em vez do <por> moderno.

A nível lexical, a expansão ultramarina fez entrar, no português, numerosos vocábulos africanos, asiáticos e sul-americanos (alguns dos quais, depois, foram tomados de empréstimo por outras línguas europeias, através do português).

Quanto ao *português moderno*, sob o ponto de vista do sistema, devemos considerar as mudanças fonéticas que o distinguem do português clássico, nomeadamente a pronúncia palatal de <s> e <z> implosivos, ou seja, em final de sílaba ou de palavra. Temos a assinalar nesta fase da língua, a redução das vogais átonas, anteriormente pronunciadas [e] e [o]; a monotongação ou manutenção do ditongo <ei>. Aliás, é provável que a monotongação de <ou> em [o] seja simétrica da monotongação de <ei> em [e], embora seja difícil de determinar a partir de quando. De qualquer modo, trata-se, igualmente, de uma inovação vinda do Sul, mas que, ao contrário da primeira, acabou por não afetar o português padrão. Neste caso, Lisboa fazia parte da zona conservadora do Norte. Houve, no entanto, uma mutação fonética deste ditongo, no Português Europeu do século XIX. No Brasil, porém, ele continua a pronunciar-se [ej], como no Português clássico (cf. Teyssier ⁵1993: 63-64). Quanto às inovações fonéticas do séc. XIX, registem-se, entre outras, a pronúncia uvular do /R/ múltiplo: tanto no português como no espanhol há uma oposição fonológica entre um /r/ simples e um /R/ múltiplo, em posição intervocálica (*caro / carro*). Nos subsistemas morfológico e sintático parece ter-se processado, também, num período cronológico que vai do fim do século XVIII até ao princípio do século XIX, uma transição do português clássico para o português moderno (e contemporâneo). Estas mudanças já não irão afetar, igualmente, o português americano. Assim, usa-se, cada vez mais, o artigo definido juntamente com o determinativo possessivo; a forma tónica do pronome pessoal objeto <si> passa a funcionar como substituto de fórmulas de tratamento da terceira pessoa (<isto é para si>; no Brasil, continua a preferir dizer-se <isto é para você / o senhor, etc.>); o lugar sintático do pronome pessoal átono volta a privilegiar a ênclise; a segunda pessoa do plural usa-se, cada vez menos, sendo substituída pela terceira, que se torna, portanto, plurifuncional; a mesóclise das formas átonas do pronome pessoal objeto, no futuro e no condicional, que, também, era usada no castelhano antigo, passa a ser dominada, apenas, por falantes com escolaridade; o futuro tende a ser usado apenas em sentido modal e, cada vez menos, em sentido temporal, para o que se

preferem perífrases verbais; o condicional é cada vez mais substituído pelo imperfeito do indicativo; o mais-que-perfeito sintético passa a usar-se só na linguagem escrita e, apenas, com sentido temporal; o pretérito perfeito simples (indicando a conclusão do processo), o infinitivo com morfemas pessoais e o futuro do conjuntivo (entretanto já desaparecido do castelhano) continuam a usar-se, ainda, como no português clássico, tanto em Portugal como no Brasil, como atesta Teyssier (⁵1993: 73-74), bem como no português africano.

No que respeita ao *português contemporâneo*, no domínio da gramática do Português Europeu, Peres e Mória (1995: 16), com base em textos jornalísticos publicados entre 1986 e 1994, selecionaram e investigaram seis áreas gramaticais (construções passivas, orações relativas, coordenação, concordâncias, estruturas argumentais e estruturas de elevação), nas quais detetaram sintomas de crise, por nelas se verificarem ruturas prenunciadoras de mutações da norma, ou se manifestarem desvios que apontam para a existência de dificuldades, por parte dos falantes. Apontamos aqui dois deles, que servem para caracterizar a evolução linguística dos últimos trinta anos do português contemporâneo: (i) continuando uma tradição que se iniciou no século XVII, e à revelia do que se passa nas restantes línguas românicas (excetuando o Galego) e, também, do Português do Brasil, saliente-se a tendência crescente para a ênclise do pronome pessoal clítico, no Português Europeu falado atualmente por pessoas com idade máxima de 30 anos, mesmo em contextos que, para pessoas mais velhas, ainda exigiam próclise, como as orações subordinadas ou a presença de quantificadorres e determinados advérbios (<porque não apercebeu-se que...>; <correspondem à classe onde “só” combina-se com SN...>; <Todos os verbos volitivos e optativos fazem-se anteceder sempre de um SN.>; <Também sabe-se que existe uma certa altura da criança>¹). Ao mesmo tempo, a mesóclise do clítico no futuro e no condicional (<dir-me-á>, <dar-lho-ia>) que, ainda, era muito usada há uns trinta anos, foi-se tornando um arcaísmo, hoje, tendente a desaparecer, em Portugal, como já acontece no Português falado do Brasil, ou a ser substituída, analogicamente, pela ênclise, como acontece, já há muito, no Castelhano (<dirá-me>, <daria-lho>). (Cf., ainda, Mira Mateus *et al.* (2003: 826-867), para um bom tratamento de conjunto da problemática dos clíticos); (ii) tal como em todo o mundo hispanofalante, também, no espaço lusófono podem observar-se, nos últimos trinta anos, fenómenos do que pode ser chamado “dequeísmo”, de que são exemplo expressões do tipo <Penso eu *de que*...>. Trata-se, portanto, do uso indevido da preposição, em orações subordinadas iniciadas por <que>. O fenómeno inverso é o “queísmo”: <A cidade *que* mais

¹ Exemplos apresentados por Mira Mateus *et al.* (2003: 851-852), que também indica as fontes e a sua respetiva faixa etária. Os sublinhados são do original.

gosto é Lisboa>. A origem deste uso, que está a disseminar-se, rapidamente, no espaço linguístico ibero-americano, pode estar na confusão de construções como <Tenho a esperança de que ela venha> e <Espero que ela venha>. Para o “queísmo”, porém, parece haver exemplos mais antigos, como no primeiro capítulo das *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett (1846), em que se lê, duas vezes: <A força é que se fala>, em vez de <(D)a força é de que se fala>.

A nível da Lusofonia, pode constatar-se que, na fonética, as pronúncias do Português de África tendem a evoluir para uma posição situada entre a do Português Europeu e do Brasil. Em termos fonológicos, porém, e não obstante essas notórias diferenças fonéticas entre a Europa, a América, a África e a Ásia, o sistema continua a ser o mesmo, para todos.

Em termos gramaticais e tipológicos, porém, como mostrou Barme (2000) e (2001), está a caminhar-se para uma língua brasileira, muito diferente do Português Europeu, manifestando curiosas semelhanças com o francês. Embora se trate, como se pode ver pelos exemplos apresentados por Barme, de construções usadas num Português do Brasil não-padrão, elas também já começaram a ocorrer na linguagem culta distensa, pelo que se pode pensar que irá ser tudo uma questão de tempo até estas estruturas, divergindo consideravelmente daquilo que ainda vão ensinando as gramáticas – e chegando mesmo além do que já permite o francês –, se tornarem a nova norma brasileira. Tal como, dantes, houve uma diferença tipológica entre o latim clássico, o latim vulgar e as línguas românicas dele derivadas, na *Nova Romania* bem poderá alcandorar-se na norma padrão outra mudança tipológica, desta vez no Português do Brasil vindouro.

A renovação do vocabulário, motivada pela necessidade da sua adaptação à terminologia da civilização técnica e científica, fez-se quer recorrendo a palavras já existentes para os novos conceitos, quer às raízes greco-latinas, quer, ainda, a empréstimos de outras línguas, sobretudo o francês e, desde meados do século XX, o inglês.

Outra forte corrente linguística que está a exercer a sua influência em Portugal vem de África, trazida por imigrantes das antigas colónias portuguesas. Assim, assiste-se à divulgação e adoção de africanismos. Além disso, na pronúncia das vogais tónicas e devido à tendência do Português de África para o seu fechamento, já se começam a notar mudanças fonéticas em certos meios.

3. Sistematização de uma bibliografia especializada sobre a história do português: uma proposta

Há alguma bibliografia de mérito para a compreensão e sistematização do português, embora muitas vezes dispersa. Procederemos, deste modo, a uma proposta de sistematização da mesma, todavia catalogada por determinadas áreas de investigação histórico-linguística e com menção às páginas mais importantes de algumas das referências bibliográficas indicadas.

3.1. Panorâmica da Evolução da Pré-História da Língua Portuguesa

BALDINGER, K. – *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. 2ª edição «corrigida y mui aumentada», Madrid (Editorial Gredos), 1972. (Veja-se, especialmente, as pp. 231-252).

CASTRO, I. – *Introdução à história do português*. Segunda edição revista e muito ampliada. Lisboa (Colibri), 2006. (Ver, fundamentalmente, as pp. 47-64).

DEUTSCHMANN, O. – *Lateinisch und romanisch*. Versuch eines Überblicks. München (Max Hueber Verlag), 1971.

GUARNER, M. S. – *El mozárabe peninsular*. In: *Enciclopedia lingüística hispánica*, tomo I. Madrid (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), 1960, pp. 309-312.

HEAD, B. F. *et alii* (orgs.) – *História da língua e história da gramática*. Braga (Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho), 2002.

LÜDTKE, H. – *Historia del léxico románico*. Madrid (Editorial Gredos), 1974. (Consultar, em particular, as pp. 35-49).

MAIA, C. – *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

SILVA, J. e OSÓRIO, P. – *Introdução à história da língua portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*. Lisboa (Edições Cosmos), 2008. (Ler, sobretudo, as pp. 39-57).

SILVEIRA BUENO, F. – *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro (Livraria Académica), 1958.

3.2. *Da Romanização ao primeiro texto em português. A língua documentada em* Notícia de Fiadores (1175); Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais (lavrado entre 1169 e 1173, em Braga?); Notícia de Torto (1214?) e *Testamento de Afonso II* (1214) – Ms T

BALDINGER, K. – *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid (Editorial Gredos), 1972. (Veja-se as pp. 326-385 acerca de «Problemas prerromanos»).

BANNIARD, M. – *Du latin aux langues romanes*. Paris (Nathan), 1997.

CASTRO, I. – *Introdução à história do português*. Segunda edição revista e muito ampliada. Lisboa (Colibri), 2006. (Ler, fundamentalmente, as pp. 111-143).

COSERIU, E. – *El latín vulgar y el tipo lingüístico romance*. In: *El cambio lingüístico en la Romania*. Lleida (Virgili & Pagès), 1990, pp. 27-41.

EMILIANO, A. – *Considerações sobre o estudo da documentação notarial anterior ao séc. XIII*. In: *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa (Associação Portuguesa de Linguística), 1994, pp. 195-210.

EMILIANO, A. – *Latim e romance na segunda metade do século XI. Análise scripto-lingüística de documentos notariais do Liber Fidei de Braga de 1050 a 1110*. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia), 2003.

EMILIANO, A. – *O conceito de latim bárbaro na tradição filológica portuguesa: algumas observações gerais sobre pressupostos e factos scripto-lingüísticos*. In: ELVIRA, J. et alii (eds.), *Reinos, lenguas y dialectos en la Edad Media ibérica. La construcción de la identidad*. Madrid/Frankfurt (Iberoamerica/Vervuert), 2008, pp. 191-231.

EMILIANO, A. – *O mais antigo documento latino-português (882 a. D.) – edição e estudo grafémico*. In: *Verba* 26, 1999, pp. 7-42.

EMILIANO, A. – *Sobre a questão d'«os mais antigos textos escritos em português»*. In: CASTRO, I. e DUARTE, I. (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 2003, pp. 261-278.

KREMER, D. – *Tradição e renovação no léxico latino-românico*. In: *Verba* 19, 1992, pp. 7-18.

MAIA, C. – *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

MAIA, C. – *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego*

moderno). Coimbra (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1986. (Veja-se as pp. 883-954).

MARTINS, A. – *Ainda «os mais antigos textos escritos em português»*. *Documentos de 1175 a 1252*. In: FARIA, Isabel Hub (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa (Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1999, pp. 491-534.

MARTINS, A. – *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de Afonso II (1214)*. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1985.

MARTINS, A. – *Para a história do vocalismo átono português: a propósito do Testamento de D. Afonso II de 1214*. In: *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*. Vol. XXV (2003-2006), Tomo I, pp. 295-319.

MEIER, H. – *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*. Separ. de *Biblos*, vol. XVIII, tomo II, 1943.

MEIER, H. – *A formação da língua portuguesa*. In: *Ensaaios de filologia românica*. Lisboa (Edição da Revista de Portugal), 1948, pp. 5-30.

MEIER, H. – *Lateinisch vs. Romanisch. Le latin et le roman*. In: *LRL*, II,1: 1996, pp. 62-72.

NOGUEIRA, C. – *O conceito geográfico-linguístico de Galécia Maior*. In: *Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel*. Lisboa (Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa), 1988.

POSNER, R. – *The romance languages*. Cambridge (Cambridge University Press), 1996.

SILVA, J. e OSÓRIO, P. – *Introdução à história da língua portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*. Lisboa (Edições Cosmos), 2008. (Consultar as pp. 219-230).

TEYSSIER, P. – *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1982. (ver, Cap. I, «Do latim aos primeiros textos em galego-português», pp. 3-20).

WALTER, H. – *Autour du latin*. In: *L'aventure des langues en Occident. Leur origine, leur histoire, leur géographie*. Paris (Robert Laffont), 1994, pp. 103-129.

WRIGHT, R. – *Latin and the romance languages in the early middle ages*. London/NY (Routledge), 1991.

3.3. *O Português Antigo e Médio: História Interna e Externa. Dados extralinguísticos. Contornos históricos, culturais e sociais. Dados linguísticos: domínio fonológico, morfológico, sintático e lexical*

ALMEIDA, M. L. – *A estrutura textual de documentos notariais da Idade Média*. In: BRITO, A.; FIGUEIREDO, O. e BARROS, C. (org.), *Linguística histórica e história da língua portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 2004, pp. 9-27.

BAQUERO MORENO, H. – *O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Itinerários e ensaios históricos*. Porto (Universidade Portucalense), 1997.

BROCARDO, T. – ‘Haver’ e ‘ter’ em português medieval. *Dados de textos dos séculos XIV e XV*. In: *Revue de Linguistique Romane* 70, 2006, pp. 95-122.

BROCARDO, T. – *As ‘variantes’ como objecto de estudos linguísticos diacrónicos*. In: RUFFINO, G. (ed.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, vol. VI. Tübingen (Max Niemeyer), 1998, pp. 47-57.

BROCARDO, T. – *Sobre a mudança -udo > -ido nas formas de participípio passado em português*. In: MATEUS, M. H. e CORREIA, C. (eds.), *Saberes no tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa (Colibri), 2002, pp. 137-145.

BROCARDO, T. – *Sobre o português médio*. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C. e SCHÖNBERGER, A. (eds.), *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt am Main (TFM), 1999, pp.107-125.

CARDEIRA, E. – *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 2005.

CARVALHO, M. J. – *Do Português arcaico ao português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1996.

CASTRO, I. – *A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro*. In: *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro (25 a 27 de Novembro de 1992) (= Biblos, Revista da Faculdade de Letras, vol. LXIX)*, 1993, pp. 97-106.

CASTRO, I. – *Introdução à história do português*. Segunda edição revista e muito ampliada. Lisboa (Colibri), 2006. (Ver, atentamente, as pp. 94-184).

CASTRO, I. – *O português médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)*. In: FARIA, Isabel Hub (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa (Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1999, pp. 367-370.

CUNHA, C. – *Significância e movência na poesia trovadoresca. Questões de crítica textual*. Rio de Janeiro (Tempo Brasileiro), 1985, pp. 77-83. (“Questões Scriptológicas”).

GOUVEIA, M. C. – *A categoria gramatical de género do português antigo ao português actual*. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto (Faculdade de Letras), 2005, pp. 527-544.

GOUVEIA, M. C. – *Considerações sobre a categoria gramatical de género. Sua evolução do latim ao português arcaico*. In: *Biblos*. Coimbra (Faculdade de Letras), 2004, pp. 443-475.

GOUVEIA, M. C. – *Para uma descrição do género gramatical em português*. In: *Biblos*. Coimbra (Faculdade de Letras), 2005, pp. 201-246.

GRAUR, A. – *Le rapport entre les facteurs internes et les facteurs externes dans l'histoire de la langue*. In: *Revue de Linguistique*, tomo X, nºs 1-3, 1965, pp. 69-73.

MAIA, C. – *Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa*. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Editada por Dieter Kremer. Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 1988, pp. 327-347.

MAIA, C. – *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

MAIA, C. – *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1986. (Ver, sobretudo, as pp. 297-882).

MAIA, C. – *O galego visto pelos filólogos e linguistas portugueses*. (Cadernos da Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa, 3). Lisboa (Edições Colibri), 2002.

MAIA, C. – *Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre “português arcaico” e “português moderno”*. In: *Diacrítica*, nº10. Braga (Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos), 1995, pp. 3-30.

MARTINS, A. – *Ainda «os mais antigos textos escritos em português»*. *Documentos de 1175 a 1252*. In: FARIA, Isabel Hub (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa (Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1999, pp. 491-534.

MATTOS E SILVA, R. V. – *Caminhos de mudanças sintáctico-semânticas no português arcaico*. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, nº 20, 1991, pp. 59-74.

MATTOS e SILVA, R. V. – *O português arcaico. Uma aproximação*, vol. I *Léxico e morfologia*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 2008. (Ver, em especial, pp. 303-349).

MATTOS e SILVA, R. V. – *O português arcaico. Uma aproximação*, vol. II *Sintaxe e fonologia*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 2008. (Ler, em particular, pp. 485-575).

MATTOS E SILVA, R. V. – *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver e ter no galego-português ducentista*. In: *Estudos lingüísticos e literários*, nº 19, 1997, pp. 253-286.

MATTOS E SILVA, R. V. – *Para uma caracterização do período arcaico do português*. In: *D.E.L.T.A.*. Vol. 10, nº especial, 1994a, pp. 247-276.

MATTOS E SILVA, R. V. – *Variação e mudança no português arcaico: ter ou haver em estruturas de posse*. In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. São Paulo (Ed. Nova Fronteira), 1995, pp. 299-311.

MESSNER, D. – *A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas histórias das línguas românicas*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XXVIII, fasc. 1-4, 1983, pp. 237-240.

OSÓRIO, P. – *Contributos para uma caracterização sintáctico-semântica do português arcaico médio*. Covilhã (Universidade da Beira Interior Editora), 2004.

PIEL, J. – *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1989.

SANTOS, M. J. – *Ler e compreender a escrita na Idade Média*. Lisboa (Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 2000.

SANTOS, M. J. – *Nota sobre o movimento quinhentista de defesa e ilustração das línguas vulgares*. In: *Biblos* 5, pp. 517-528.

SILVA, J. e OSÓRIO, P. – *Introdução à história da língua portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema lingüístico*. Lisboa (Edições Cosmos), 2008. (Consultar, sobretudo, pp. 59-85).

SOUTO CABO, J. A. – *Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do século XII*. In: *Diacrítica*, tomo 17/1, 2003, pp. 329-385.

STAAFF, E. – *Étude sur l'ancien dialecte léonais d'après des chartes du XIII^e siècle*. Uppsala [e] Leipzig (Almqvist & Wiksell), 1907.

3.4. *O fim deste período. Mudanças em curso. Uma viragem para uma modernidade da língua*

BECHARA, E. – *As fases da língua portuguesa escrita*. In: *Actes du XVIII^e congrès international de linguistique et de philologie romanes*, vol. III, Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 1991, pp. 68-76.

BERGARECHE, B. C. – *La pronunciación del portugués del siglo XVII en unos villancicos gaditanos*. In: *Verba* 19, pp. 397-407.

CARDEIRA, E. – *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 2005.

CARVALHO, M. J. – *Do Português arcaico ao português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1996.

CASTRO, I. – *Introdução à história do português*. Segunda edição revista e muito ampliada. Lisboa (Colibri), 2006. (veja-se as pp. 185-200).

CASTRO, I. – *Para uma história do português clássico*. In: DUARTE, I. e LEIRIA, I. (eds.), *Actas do congresso internacional sobre o português*, vol. II. Lisboa (Colibri), 1996, pp. 135-150.

GÄRTNER, E. – *Modifications de la langue portugaise au début du XIX^e siècle et leurs bases sociales*. In: *Wissenschaftliche Zeitschrift der Karl-Marx-Universität Leipzig, Geschichtswissenschaftliche Reihe* 39, 4, 1990, pp. 407-410.

GÄRTNER, E.; HUNDT, C. e SCHÖNBERGER, A. (eds.) – *Estudos de história da língua portuguesa*. (Biblioteca Luso-brasileira, Vol. 7). Frankfurt am Main (TFM), 1999.

GOUVEIA, M. C. – *A categoria gramatical de género do português antigo ao português actual*. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto (Faculdade de Letras), 2005, pp. 527-544.

HART Jr., T. R. – *Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation*. In: *Word* 11, 1955, pp. 404-415.

MAIA, C. – *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

MAIA, C. – *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1986. (Consultar as pp. 883-954).

MAIA, C. – *Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre “português arcaico” e “português moderno”*. In: *Diacrítica*, nº10. Braga (Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos), 1995, pp. 3-30.

MATTOS E SILVA, R. V. (org.) – *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador (Editora da Universidade Federal da Bahia), 1996.

SANTOS, M. J. de M. – *Nota sobre o movimento quinhentista de defesa e ilustração das línguas vulgares*. In: *Biblos* 5, pp. 517-528.

SILVA, J. e OSÓRIO, P. – *Introdução à história da língua portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*. Lisboa (Edições Cosmos), 2008. (Consultar as pp. 87-114).

TEYSSIER, P. – *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa (Imprensa Nacional-Casa da Moeda), 2005. (Segunda edição, refundida e actualizada de 1959).

TEYSSIER, P. – *La prononciation des voyelles portugaises au XVIe siècle d`après le système orthographique de João de Barros*. In: *Atti del secondo convegno italiano di studi filologici e storici portoghesi e brasiliani, Annali dell` Istituto Universitario Orientale, Sezione Romanza, VIII*, pp. 127-198.

4. Para não concluir: visualizações modernas do passado

O conhecimento do passado pode ter visões e visualizações modernas. Muitas vezes, o conhecimento linguístico exige o conhecimento das vivências sociais, geográficas, políticas e culturais dos ambientes em que essa língua se vivificou. O conhecimento do português medieval será mais facilmente compreendido se conhecermos as mundividências medievais, tornando-se particularmente interessante, para o conhecimento dos ambientes medievais, alguma da produção cinematográfica disponível, a fim de uma visualização moderna do passado. Por isso mesmo, deixo, aqui, três propostas de filmes que levantam questões interessantes para a leitura do período medieval e, quiçá, poderão ajudar a compreender a língua de então.

O primeiro será *O Sétimo Selo* (1956) de Ingmar Bergman (96 minutos): um cavaleiro, regressado das cruzadas, efetua um périplo por uma Suécia devastada pela peste negra e povoada por grupos de personagens complexas que vão desde uma trupe de saltimbancos até à representação dos mais variados estratos da sociedade feudal – o povo das aldeias, o clero empenhado em exorcizar os terrores da peste, ou uma aristocracia estereotipada no espaço

relativamente protegido do castelo. As razões para tal opção prendem-se com a possibilidade de catalogar alguns dos elementos essenciais na delimitação de um dos períodos focados neste estudo: o estatuto do cavaleiro em interação social com a figura do escudeiro, permitindo apresentar a questão cavaleiresca de forma clara; as procissões rituais, que percorrem os espaços assolados pela peste, representando, inclusive, cenas de sacrifício na fogueira de feiticeiras culpabilizadas pelo flagelo; os divertimentos quotidianos, com sequências que se debruçam sobre a itinerância quase circense de companhias de atores; as estalagens enquanto espaço de reunião escapista de convívio social; a figuração da morte sob tétrica forma humana, obrigando o cavaleiro protagonista a um jogo de xadrez, do qual depende a sua sobrevivência, numa alegoria moderna, que reconstitui o próprio uso medieval do processo alegórico como codificação de obrigatoriedades moralizantes; a dança da morte no alto de um monte, unindo as personagens numa apresentação que releva das moralidades; a relação do filme de Bergman com a pintura de época, com o espaço do sagrado, na visita à igreja, e com o contexto apocalítico que determina o título do filme, logo antecipado na voz *off* inicial – «E, quando o cordeiro abriu o sétimo selo, no céu fez-se um silêncio (...)».

Porque se trata de uma película complexa e difícil, em rigoroso preto-e-branco, torna-se produtivo motivar os leitores para a herança representativa de *O Sétimo Selo*, realçando-lhes, o modo paródico como John McTiernan, em *O Último Grande Herói*, recupera a morte bergmaniana, reconhecível como ícone, no contexto de um filme de aventuras, também ele alegórico, pensado para a presença contemporânea, e bem mais apelativa aos espetadores do século XXI, de Arnold Schwarzenegger, algures entre a ficção científica e a alegoria medieval, em que as figuras saem do ecrã e dialogam em ação metacinematográfica com o presente de um jovem cinéfilo.

O segundo filme proposto é *O Nome da Rosa* (1986), de Jean-Jacques Annaud (130 minutos), adaptado do romance homónimo de Umberto Eco, que permitirá questionar o problema do conhecimento, do ambiente monástico, da hierarquização medieval, em contexto com a ideologia aristotélica e com o severo controlo inquisitorial da Igreja. Alertamos especial atenção para um dos excertos que mostra aspetos da biblioteca e da conservação dos códices.

Um outro interessante filme é *Silvestre* (1981), de João César Monteiro (115 minutos), que propõe a representação de uma Idade Média reconstituída, muitas vezes, em cenários pintados, a lembrar as iluminuras e com interiores teatralizados, apresentando ainda uma dimensão de feição arcaizante do português moderno. O filme abre com uma canção medieval profana, em italiano, uma *pastorella*, o que permitirá discorrer da produção musical, de

caráter internacional, complementando a sonoridade sacra presente, por exemplo, nas procissões de *O Sétimo Selo*.

Notório é a chegada do peregrino que chega de Santiago de Compostela, com todos os símbolos inerentes a tal representação, a reconstituição de uma refeição medieval (um banquete nupcial), bem como a presença no imaginário português, do conto tradicional, de terrores antigos: lobisomens, almas penadas, figurações demoníacas, cavaleiros e dragões. A intriga central do filme, a donzela que se disfarça de homem (Sílvia transformada em Silvestre), à procura de seu pai, na companhia de um jovem alferes (interpretado por ator galego, o que permite contextualizar também a questão do galego-português, como matriz linguística comum), levará a expor a problemática do estatuto da donzela e do culto à senhora amada.

Particularmente interessante é a cena da corte, uma vez reencontrado o pai perdido, com os menestréis, animando a função e integrando na ficção a música ibérica da época, interpretada pelo Segréis de Lisboa. O filme permite, assim, falar de uma visão descontextualizada de uma Idade Média de lenda, no contexto português, fornecendo, inclusive, a oportunidade para sublinhar a presença do imaginário medieval na fábula contemporânea.

A língua portuguesa tem, indubitalmente, um percurso longo. Hoje é uma das línguas mais faladas no mundo, alimentada por uma grande comunidade lusófona. Poder-se-á, falar assim do português enquanto língua internacional, a par do inglês e do espanhol.

800 anos são, de facto, muitos séculos de história(s), estórias e vida! *Parabéns, língua portuguesa!*

5. Referências Bibliográficas

BARME, Stefan. *Das Phonisch-nähesprachliche Brasilianisch: ein Neo-romanisches Idiom*. In: Romanistik in Geschichte und Gegenwart, tomo 7, 1, 2001, 81-90.

BARME, Stefan. *Existe uma Língua Brasileira? Uma Perspectiva Tipológica*. In: Iberoromania, nº 51, 2000, 1-29.

BERGMAN, Ingmar. *O Sétimo Selo. Suécia*. Edição portuguesa: Costa do Castelo, 1957.

CÉSAR MONTEIRO, João. *Silvestre*. Portugal: Atalanta, 1981.

COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*. 3ª ed., Madrid: Gredos, 1988.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: INCM, 1989.

McTIERNAN, John. *O Último Grande Herói*. E.U.A.: Edição portuguesa, Columbia TriStar, 1993.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.*. *Gramática da língua portuguesa*. 5.^a edição, revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

OSÓRIO, Paulo. *Contributos para uma caracterização sintáctico-semântica do português arcaico médio*. Covilhã: Edições da Universidade da Beira Interior, 2004.

PERES, João Andrade e MÓIA, Telmo. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1993.